

A antropologia aplicada na Europa – uma visão geral com uma perspectiva

Applied Anthropology in Europe – a general vision with a look into the future

Margret Jaeger¹

European Association of Social Anthropologists

Vienna, Áustria

margretjaeger@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0003-0990-8181>

Mirko Pasquini²

Universidade de Gothenburg

Göteborg, Suécia

mirko.pasquini@gu.se

<https://orcid.org/0000-0002-6570-539X>

Recebido em: 14 de maio de 2025

Aceito em: 08 de junho de 2025

¹ Membro da EASA desde 2008, <https://orcid.org/0000-0003-0990-8181> margretjaeger@yahoo.com

² Universidade de Gothenburg, Escola de Estudos Globais (School of Global Studies)
<https://orcid.org/0000-0002-6570-539X> mirko.pasquini@gu.se

Resumo

Este artigo oferece uma visão geral das atividades da antropologia aplicada na Europa, com base na rede *Applied Anthropology Network (AAN)* da *European Association of Social Anthropologists (EASA)*. Apesar do papel relevante dos/das antropólogos/as na formulação de respostas sociais, seu impacto permanece em grande parte invisível. O texto destaca essa invisibilidade e a dificuldade de imaginar carreiras aplicadas para profissionais de antropologia na Europa. São citadas iniciativas da rede, exemplos de organizações e empresas que utilizam conceitos antropológicos, além de grupos temáticos, um podcast e um evento anual de destaque. Embora algumas dessas ações envolvam colaboração com universidades, a maioria dos profissionais atua fora do meio acadêmico, redefinindo a influência da antropologia na sociedade. No entanto, suas contribuições muitas vezes passam despercebidas, pois são absorvidas pelas organizações em que trabalham, perdendo a identidade antropológica. Assim, organizações profissionais têm o papel de promover a identidade e a imaginação coletiva para superar essa invisibilidade.

Palavras-chave: Antropologia Aplicada; Europa; Atividades.

Abstract

This article provides an overview of applied anthropology activities in Europe, based on the *Applied Anthropology Network (AAN)* of the *European Association of Social Anthropologists (EASA)*. Despite the important role of anthropologists in shaping social responses, their impact remains largely invisible. The text highlights this invisibility and the difficulty of imagining applied careers for anthropology professionals in Europe. The paper cites initiatives of the network, examples of organizations and companies that use anthropological concepts, as well as thematic groups, a podcast and an annual event of note. Although some of these actions involve collaboration with universities, most professionals work outside academia, redefining the influence of anthropology in society. However, their contributions often go unnoticed, as they are absorbed by the organizations in which they work, losing their anthropological identity. Thus, professional organizations have a role in fostering collective identity and imagination to overcome this invisibility.

Keywords: Applied Anthropology; Europe; activities.

Toda antropologia tem aplicações práticas, que são certamente relevantes para todos da nossa disciplina. Uma antropologia acadêmica cada vez mais militante tem sido evidente em reuniões recentes da *European Association of Social Anthropologists (EASA)*, com artigos e painéis enfocando sobre justiça social, autodeterminação dos povos indígenas, a luta contra a racialização e a guetificação, a violência das fronteiras internacionais, a exploração da terra, mudanças climáticas e o Antropoceno. Mas poucos espaços em conferências como a bienal da EASA são dedicados a antropólogos aplicados fora da academia.

Embora os antropólogos/as na Europa estejam desempenhando um papel importante na formação de respostas sociais, seu impacto permanece em grande parte invisível. Nosso foco aqui é essa invisibilidade e a dificuldade associada de imaginar carreiras aplicadas na Europa. Como forma de oferecer uma plataforma de intercâmbio e promover iniciativas de antropólogos/as praticantes e aplicados, um subgrupo interno da *EASA*, a *Rede de Antropologia Aplicada (AAN)*, foi criado em 2014 com uma conferência anual e outros eventos e atividades com foco em “*Why the World Needs Anthropologists*” (Por que o mundo precisa da antropólogos?). Essa iniciativa tem como objetivo ilustrar o papel da antropologia nos últimos 60 anos em movimentos sociais, iniciativas de justiça social, feminismo, ecologia, direitos de pessoas LGBTQAI+ e comunidades de pessoas que vivem com deficientes, e migração transnacional.

Ao representar a antropologia aplicada na Europa, a *AAN* enfrenta uma situação muito diferente em comparação com a da antropologia aplicada na América do Norte. Essa diferença é, em parte, o resultado de grandes diferenças na distribuição de empregos de antropologia aplicada fora da acadêmica entre os diferentes países (seriam 34 países na Europa de quais 27 fazem parte da União Europeia) e o status da antropologia aplicada nas universidades. Essa situação é ainda mais complicada pelo fato de que muitos/as pesquisadores/as não se identificam como antropólogos/as em suas empresas ou organizações. Muitos especialistas em comunicação, reportagem fotográfica, marketing, design, experiência do usuário (UX) e outros serviços digitais, bem como educadores/as e trabalhadores/as humanitários/as, aplicam suas habilidades antropológicas diariamente sem se identificarem como antropólogos/as e sem serem empregados nessa função. A tentativa mais recente de mapear a antropologia aplicada na Europa foi na revista *Anthropology in Action*, a contrapartida europeia da *Human Organization* (Podjed, Gorup e Mlakar 2016) e

o periódico oficial da oficial da *Associação de Antropologia Aplicada do Reino Unido*. Nesse artigo, o fundador da *AAN*, Dan Podjed (Eslovenia) e seus colegas procuraram mapear a distribuição desigual e as perspectivas dos profissionais de antropologia. Ao fazer isso, eles observaram a força das diferenças regionais, com antropólogos/as bem posicionados/as no norte da Europa e no Reino Unido.

É indiscutivelmente menos difícil para os/as antropólogos/as manter a sua identidade em um mercado de trabalho altamente protegido pelo bem-estar do Estado no norte da Europa (ou seja, Dinamarca, Noruega, Suécia e Holanda). Por exemplo, na Alemanha e na Áustria, os/as antropólogos/as ocupam diferentes posições em empresas de consultoria ou no setor público mas a disciplina é pouco conhecida ainda.

Na Espanha e na Itália, as críticas gramscianas à cultura hegemônica possibilitaram um ativismo mais voltado para a justiça social, o ativismo e papéis políticos para os/as antropólogos/as como intelectuais públicos (Grottanelli et al. 1977). Entre esses países, as organizações profissionais nacionais desempenham um papel central na promoção da antropologia fora da academia, enquanto na academia, essa tendência é menos evidente nos países do Leste Europeu.

No entanto, a antropologia profissional na administração pública e no mercado privado é melhor integrada em contextos onde a disciplina tem um longo histórico de colaboração - inclusive durante o colonialismo, como no Reino Unido, onde a presença de organizações profissionais também é mais forte. Na França, ao contrário, tem sido controverso para os acadêmicos apresentar a antropologia como aplicada (Podjed, Gorup e Mlakar 2016).

No momento em que escrevemos este texto, está sendo um desafio formular uma descrição clara do que a antropologia pode realizar na prática. Como a “imaginação antropológica” (Dimen-Schein 1977) é aplicada na Europa? Como essa aplicação varia em diferentes contextos e campos profissionais? No texto a seguir, iniciamos o trabalho de remediar a invisibilidade substancial dos/as antropólogos/as fora da academia. Primeiro, esboçamos o campo discutindo o trabalho de grupos profissionais temáticos dentro da *AAN: os Apply Clubs (Clubes Aplicados)*. Esses clubes reúnem especialistas em antropologia aplicada de toda a Europa e de outros países. Seus membros planejam

conferências, oportunidades para grupos de estudo e fóruns para que os/as profissionais compartilhem ideias. O objetivo é desenvolver uma rede para compartilhar estratégias e recursos especializados. As atividades dos clubes variam, mas muitos organizam frequentemente encontros online anunciados pela *AAN* nas redes sociais e na sua homepage.

Clube Aplicado de Arte

O *Apply Club Art* se concentra em conectar antropólogos que trabalham na interseção de arte e antropologia (Skinner 2014). Esse clube é descrito como um local para discutir as interseções entre arte e antropologia e explorar subtópicos como etnografia experimental, filmes etnográficos e pesquisa antropológica com comunidades e práticas artísticas. Os/as antropólogos/as conceituam e materializam diversos desafios sociais, como mudanças climáticas, insegurança hídrica e violência de gênero. Por exemplo, a *Escola de Inovação da Escola de Arte de Glasgow* usa uma compreensão antropológica do visual e do sensorial como um horizonte cultural. Os/as antropólogos/as trabalham lá para fazer a curadoria de exposições experimentais e projetar performances participativas.

A antropologia visual aplicada permite uma maior interseção entre a arte e a antropologia. Os/as profissionais dessa área estão envolvidos em fotojornalismo, documentários e reportagens para organizações internacionais multilaterais e mídia de massa. Um papel fundamental no treinamento de antropólogos/as que trabalham fora da academia é desempenhado pelo *Granada Centre for Visual Anthropology* em Manchester.

Os compromissos mais tradicionais da antropologia com a arte incluem a curadoria de museus de folclore, com seu potencial de impactar a educação das pessoas sobre tópicos como colonialismo, migração interna e externa e o despovoamento de áreas rurais internas devido à urbanização. O projeto *Montagne in Movimento* (Montanhas em Movimento) no Vale de Aosta, norte da Itália, ilustra esse foco. Ele usa o museu como um catalisador para envolver os membros da comunidade local em iniciativas participativas com o objetivo de repensar a história e vislumbrar um futuro para os vales alpinos cada vez mais desertos, mas deslumbrantes.

Clube Aplicado do Ambiente Construído

Um tipo diferente de exercício de planejamento é necessário para os/as antropólogos/as que trabalham com arquitetura e planejamento urbano (Buchli 2013; Jasper 2018). O *Apply Club of Built Environment (AC Built)* promove as colaborações de antropólogos/as que trabalham nas interseções da arquitetura e no design de ambientes internos e externos. Os/as profissionais que realizam esse trabalho se envolvem com planejadores/as urbanos, comunidades locais e partes interessadas para moldar juntos um ambiente que promova um senso de pertencimento e, ao mesmo tempo, apoie a funcionalidade e o design inovador. Em parte, o papel da antropologia aqui está relacionado a questões sociais, como falta de moradia, construção de espaços de cuidado e formas alternativas de se relacionar com o ambiente (Jasper 2018). O projeto de código, os processos de tomada de decisão compartilhados e o foco nas interações sociais criam um terreno fértil para a etnografia inspirada em teorias antropológicas sobre percepções do ambiente (por exemplo, Miller 2009; Ingold 2011).

Um exemplo de envolvimento da comunidade na arquitetura é o trabalho do *The CARE Lab* em Barcelona. Por meio desse trabalho, um ambiente clínico potencialmente frio, como uma enfermaria de hospital, é transformado em um espaço que transmite ideias de proteção e cuidado. Esse resultado é obtido pelo importante envolvimento e capacitação das comunidades locais, tanto de profissionais quanto de pacientes, na fase de planejamento e implementação de seus projetos.

Clube Aplicado Digital

Uma perspectiva ainda mais “êmica” é evidente entre os/as profissionais do grupo *Apply Digital Group*. Os/as profissionais treinados em antropologia trabalham no crescente mercado digital internacional, inclusive em métodos digitais de experiência do cliente/UX e análise de dados digitais (Goodman, Kuniavsky e Moed 2012). A facilidade de uso e a compreensão das trajetórias dos usuários on-line são uma prioridade no mercado digital, que cada vez mais se preocupa em captar a atenção dos/as usuários/as. Para garantir que o design digital seja adequado às comunidades que o utilizam, a UX é um método que pode se basear tanto em abordagens antropológicas clássicas de entrevistas semiestruturadas e etnografia quanto em análises estatísticas de big data. Em vez disso, e se a experiência

do/da usuário/a fosse analisada por meio de conceitos como agência e capacitação? É possível ir além do *big data*, no qual muitos aplicativos e serviços digitais se baseiam? Novos cursos universitários que combinam antropologia com análise de dados estatísticos são orientados para essa abordagem. A *Universidade de Copenhague*, por exemplo, lançou recentemente um *Mestrado em Ciência de Dados Sociais*, que combina a experiência do usuário orientada pela ciência social e pela antropologia com abordagens de big data.

Clube Aplicado de Finanças

Os/as antropólogos/as aplicados/as e praticantes são ativos na Europa também na área de finanças (Hart e Ortiz 2014). O *Apply Club Finance* abrange o interesse em captação de recursos, estratégias de investimento e construção de marcas e seu design. Navegando em um campo difícil - dado o envolvimento da antropologia com a justiça social - os profissionais que trabalham em finanças estão particularmente preocupados com a narrativa em relação a marcas, publicidade e tendências de consumo (Cabrera 2014), com a experiência humana no centro dos produtos e campanhas que eles ajudam a projetar. A tecnologia e a inovação estão na vanguarda do que um/a antropólogo/a, como estrategista financeiro, ajuda a desenvolver e financiar colaborações de parceria que variam de organizações não overnamentais (ONGs) a governos, universidades e corporações e empresas privadas.

Um exemplo é o trabalho da *Inculture* na Suécia. A fundadora Katarina Graffman descreve seu trabalho como uma atenção “*ao que as pessoas fazem, não ao que elas dizem que fazem*” (frase na página principal online da organização) para explorar novas possibilidades de negócios. Por meio de sua compreensão etnográfica da realidade social, repleta de contradições e conflitos entre a agência e a autorrepresentação das pessoas, Katarina, assim como outros, pode informar as estratégias financeiras das empresas, direcionando o foco para o comportamento humano como padrão e socialmente orientado.

Clube Aplicado Saúde

A tensão entre os entendimentos individuais e comunitários da vida social é crucial no campo da saúde. O *Apply Club Health*, do qual nós somos organizador e organizadora, foi desenvolvido por iniciativa de Gaia Campanelli (italiana trabalhando na Inglaterra) e Henrich Schwarz (alemão trabalhando na Alemanha) para alcançar antropólogos/as que

trabalham no setor de saúde na Europa, dentro e fora do meio acadêmico. De acordo com uma pesquisa de 2016, os/as antropólogos/as no setor de saúde constituem o segundo maior grupo de antropólogos/as não acadêmicos na Europa, logo após os/as que trabalham com design (incluindo o ambiente construído, UX e design de produtos). Eu, Margret observo desde 2008 um crescimento expansivo da *Rede Antropologia Médica* na Europa (*Medical Anthropology Network*, MAE da EASA) e de grupos de trabalhos e eventos da área.

O *Apply Club Health* promove colaborações nos mais diversos campos da antropologia médica aplicada, incluindo epidemias e preparação e intervenções em desastres; saúde transcultural, de minorias, de mulheres e de migrantes; iniciativas para apoiar pessoas que vivem com doenças não transmissíveis (Manderson e Wahlberg 2020); formas de promover a participação de comunidades locais (Abramowitz et al. 2015); e formas de desafiar a formulação de políticas de saúde (Henry e Henry 2022). Outro campo de interesse é o treinamento e a educação de profissionais de saúde, trazendo insights da etnografia para as salas de aula (Martinez e Wiedman 2021).

Como exemplo de nosso foco, voltamos ao nosso trabalho sobre violência contra profissionais de saúde em serviços de emergência no norte da Itália (Mirko) e na Áustria (Margret). Nossas conclusões de trabalhos de campo demonstram como a violência na sala de espera da emergência e na ala em si é influenciada por suposições estereotipadas dos/as profissionais. No entanto, a violência e a desconfiança em relação aos/as profissionais de saúde também são fontes de improvisação e de técnicas de desescalada para evitar danos (Pasquini 2023a, 2023b; Jaeger, Wahl e Wiesinger 2021a, 2021b). Ensinar essas técnicas é uma maneira de descrever de forma prática o que pode ser feito para atender às forças estruturais nas clínicas - racismo, estigmatização e discriminação de comunidades marginalizadas. Assim como nós, um número cada vez maior de antropólogos/as na Europa ensina nas faculdades de medicina e enfermagem e na educação continuada profissional sobre competência cultural, consciência da diversidade e competência estrutural (Metzl e Hansen 2014).

O esforço para treinar profissionais de saúde para reconhecer e agir sobre as estruturas sociais exige o emprego de mais antropólogos do que os disponíveis atualmente. Entretanto, o interesse das faculdades de saúde e dos hospitais está aumentando, conforme ilustrado pela presença de programas educacionais de longa duração. Um exemplo disso é o *Healthy Diversity*, um projeto financiada pela União Europeia entre 2015 e 2018 que foi uma colaboração entre a Universidade de Viena, o Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido e cinco ONGs internacionais. O projeto produziu material educacional acessível internacionalmente para cobrir várias exigências institucionais em termos de diversidade e desigualdade na área da saúde. O *Apply Club Health* realiza uma conversa online a cada mês até Maio 2025 (depois cada dois meses), em qual um antropólogo/uma antropóloga fala da sua experiência no setor de saúde e os ouvintes podem fazer perguntas e discutir juntos.

Outro campo importante de emprego no setor de saúde é a garantia de qualidade, com métodos antropológicos e teoria usados para avaliar a eficácia das intervenções de saúde. Avaliações etnográficas rápidas são necessárias tanto para organizações internacionais quanto para instituições hospitalares locais, oferecendo percepções em um contexto de tempo limitado (Vindrola-Padros e Vindrola-Padros 2018). Os/as profissionais que trabalham nesse setor em crescimento adquiriram habilidades específicas para combinar abordagens etnográficas tradicionais com ferramentas criativas para acelerar processos como transcrição, codificação e interpretação de dados. O *RREAL: Rapid Research, Evaluation and Appraisal Lab* (Pesquisa Rápida, Avaliação e Apreciação) da University College London apresenta esses aplicativos. Este oferece cursos de habilidades etnográficas necessárias para permitir a adaptação da antropologia para obter percepções rápidas, otimizar investimentos e avaliar o desenvolvimento e o desempenho do projeto.

Clube Aplicado Inovação

A capacidade de afetar a mudança está no centro do *Apply Club Innovation*, que se concentra em como a vida cotidiana pode ser remodelada por tecnologias futuristas. Robôs, inteligência artificial e tecnologias que remodelam a relação entre o Estado e seus cidadãos em cidades inteligentes e escritórios públicos estão no centro do que os membros do clube chamam de “inovação centrada no ser humano” (Gunn, Otto e Smith 2013; Squires 2021).

O clube reúne consultores/as e estrategistas capazes de usar seus conhecimentos antropológicos para aconselhar grupos corporativos e agentes estatais. Eles sugerem ações e investimentos em infraestrutura necessários para obter vantagem competitiva em novos setores de negócios e proteger os/as cidadãos/ãs dos efeitos negativos da inovação tecnológica. A previsão é fundamental em seu trabalho. Em uma entrevista no podcast *This Anthro Life*, Lora Koycheva, fundadora do *Apply Club Innovation*, define seu trabalho como especulação sobre formas incorporadas de robótica: O que os robôs permitem que os atores façam, como humanos e não humanos, ou o que os impede de fazer? Ao entender os robôs e os corpos humanos e não humanos como infraestruturas relacionais, Koycheva vê a robótica como reveladora das relações desiguais dos seres humanos com seu ambiente. A antropologia da inovação ajuda empresas públicas e privadas a revelar o que a robótica pode significar na prática para pessoas, animais e plantas.

Apply Club Organização

Analisando a formação de identidade, os conflitos e as fragmentações em organizações complexas, os/as antropólogos/as geralmente trabalham para facilitar os processos de produção de empresas comerciais e start-ups, inclusive abordando questões de satisfação no trabalho e senso de pertencimento - tanto para empregadores quanto para funcionários/as. Muitos dos serviços que os/as profissionais aplicados prestam como consultores/as estão voltados para o design de UX e para uma compreensão geral da evolução do mercado financeiro. As empresas de longa data são *Experientia*, sediada em Torino, Itália, e *Innovatinghealth.care*, relacionada à área de saúde, em Hamburgo, Alemanha, ilustram como os antropólogos aplicados podem ajudar a melhorar a qualidade de vida dos clientes.

As empresas de antropologia aplicada reúnem diferentes aspectos de serviços de UX, antropologia organizacional e entendimentos de inovação e evolução dos mercados financeiros.

Os/as antropólogos/as aplicados geralmente usam uma combinação dessas habilidades para se adaptar às necessidades do mercado. Ao enfatizar a capacidade da antropologia de priorizar as pessoas nos processos de produção, os/as profissionais demonstram que a realidade social é mais complexa do que qualquer representação de uma perspectiva

hierárquica. Ao mesmo tempo, os/as etnógrafos/as podem tornar a complexidade compreensível por meio de uma narrativa vívida e envolvente.

Clube Aplicado Sustentabilidade

As mudanças climáticas e os desafios sociais que elas representam outra oportunidade crítica. Um *Apply Club Sustain* foi criado em 2024 para aumentar a visibilidade profissional desse campo importante e crescente. A líder do clube, Pauline Destree, da Universidade de Durham na Grã Bretanha, explica que o clube está enraizado em um compromisso com a justiça ambiental, uma antropologia aplicada da sustentabilidade que visa a ampliar as ferramentas e as ambições da “sustentabilidade” para além das métricas. O *Apply Club* vê a sustentabilidade como um campo de prática cultural que exige métodos flexíveis, participativos e situados.

Os/as profissionais que trabalham em estreita colaboração com organizações multilaterais e com ativistas e movimentos sociais são capazes de garantir uma visão fundamental sobre as funções da sociedade civil que afetam a mudança política e a ação climática. Esse impacto é obtido em questões que vão desde as emissões de carbono até a extração de minerais e combustíveis fósseis, a superexploração do solo, a força de trabalho e a superprodução de bens de consumo.

A antropologia aplicada da mudança climática também se preocupa com a resiliência e a recuperação após desastres, como secas e inundações, incêndios florestais, terremotos, tsunamis e ondas de calor (Barrios 2017). Por exemplo, o *Centrum för naturkatastrofer och katastrofvetenskap (CNDS, Centro de Ciências de Desastres e Perigos Naturais)* da Universidade de Uppsala, na Suécia, reúne especialistas de ciências naturais e sociais para fornecer conhecimentos estratégicos.

Clube Aplicado Jogo/Esportes

O *Apply Club Play/Sport* investiga as dimensões socioculturais e biológicas do brincar, dos jogos e dos esportes, buscando novas formas de aplicar esse conhecimento na área e foi fundado na primavera de 2025. Estão animados para debater como o brincar é parte fundamental do crescimento, do desenvolvimento e da socialização humana. Querem analisar o brincar e o esporte como ferramentas de transformação social e também como

palco de competição — moldando identidade, saúde e sociedade. Do universo dos jogos tradicionais ao esporte de alto rendimento, exploramos temas como desempenho, resiliência, trabalho em equipe, adaptação e muitos outros, sempre considerando diferentes culturas.

Clube Aplicado Tech

O *Apply Club Tech (of emerging technologies)* oferece a antropólogos/as e demais cientistas sociais um espaço para se encontrarem, trocarem experiências e expectativas, praticarem habilidades, encontrarem mentores/as e aprofundarem conhecimentos sobre teorias e metodologias relacionadas às experiências humanas com a tecnologia, futuros desejados, criatividade, inovação, o impacto dos seres humanos sobre a tecnologia e vice-versa, além das relações com a indústria e o Estado. Promovem o diálogo e o aprendizado coletivo sobre como as pessoas interagem com tecnologias, como imaginam e constroem futuros, e como diferentes atores — sejam empresas ou governos — influenciam e são influenciados por esses processos.

O Podcast Igdra Space Series 2 Applied Anthropology

No início de 2024 a antropóloga e consultora de business alemã, Nora Engelbert, e eu Margret começamos a tecer os nosso laços profissionais através da rede *LinkedIn* e a discutir a criação de um podcast com enfoque em antropologia aplicada. Após um tempo de preparação lançamos o primeiro episódio no dia 30 de Setembro 2024. O podcast recebe o suporte estrutural e de marketing do AAN e também está sendo divulgada pela EASA nos seus meios de comunicação.

O podcast reúne antropólogos/as de todo o mundo para compartilhar histórias e percepções convincentes sobre o papel vital que a antropologia desempenha na navegação pelas complexidades do século XXI. Nossas discussões visam inspirar os líderes de hoje, destacando como as perspectivas antropológicas podem promover a saúde e a riqueza tanto para as empresas quanto para as sociedades. Ele oferece *insights* profundos e motivadores sobre como as abordagens holísticas, sistêmicas e empíricas da antropologia servem como base para métodos de gerenciamento cocriativos. Este podcast serve como um recurso valioso para um público diversificado, incluindo CEOs, líderes de Recursos Humanos, gerentes de TI, representantes de ONGs e profissionais de saúde. Os ouvintes obtêm

insights práticos sobre como aumentar a satisfação do/da cliente, aprimorar as práticas de colaboração em meio à crescente complexidade e desenvolver tecnologias inovadoras que realmente atendam às necessidades humanas em nossa era digital, ajudando, em última análise, funcionários/as, clientes e pacientes a prosperar.

Além disso, o podcast apresenta as metodologias e perspectivas exclusivas dos/das antropólogos/as que podem inspirar organizações de pequeno e grande porte a ampliar seus horizontes e aumentar seu impacto. Enquanto a maioria dos episódios está e vai sendo gravado em inglês, foi gravado um já em português com Carmencita Job. A inteligência artificial nós ajuda na oferta multilingual e queremos encorajar os produtores de podcast a usar estes recursos. Também oferecemos a transcrição de cada episódio para diminuir as barreiras. No caso da entrevista em português, foi criado também uma transcrição em inglês.

O evento “Why the World needs Anthropologists”

Esse evento foi criado em 2013 e aconteceu a primeira vez em Amsterdã. Mais de 3.000 pessoas têm participado dele desde então. Durante o auge da pandemia da Covid19, o evento aconteceu on-line; em 2024, foi organizada uma versão híbrida. Ele explica quais habilidades as antropólogas/os antropólogos têm para melhorar o mundo. O evento desafia as pessoas a contar as descobertas de suas pesquisas e a falar sobre seus conhecimentos e habilidades de forma diferente do que nos eventos acadêmicos. Profissionais de antropologia que, muitas vezes, foram treinados para ler um artigo em apresentações de conferências. A WWNA desenvolveu uma nova estrutura para sair da “zona de conforto” e pede que a/o palestrante não use certos termos técnicos (como pós-estruturalismo ou hermenêutica) e prepare uma palestra em um formato semelhante ao que é conhecido como palestras TED (TED, homepage).

A questão em si “por que o mundo precisa de antropólogos/as” foi levantada pela primeira vez no evento de fundação da rede em Maynooth, Irlanda, em 2010. Em vez do papel da antropologia de olhar para o passado e explicar “alguns grupos indígenas ou povos distantes”, o evento deve mostrar a um público mais amplo como a disciplina pode ajudar a resolver problemas atuais e a moldar o futuro. Enquanto no passado a disciplina muitas vezes olhava para trás para explicar fenômenos nas sociedades, agora ela precisa

mostrar que se adaptou ao tempo contemporâneo, com abordagens que são relevantes para monitorar fenômenos sociais e ajudar a resolver problemas globais e locais. O evento e seus/suas criadores/as também querem mostrar ao mundo acadêmico que uma boa etnografia não precisa ser realizada por meses ou anos, no espírito de Bronislaw Malinowski, mas pode criar resultados sólidos com equipe, abordagens e ferramentas digitais em um período de tempo mais curto.

O que ainda está faltando?

Vários campos de aplicação se sobrepõem nos clubes da AAN - design, saúde, finanças, trabalho organizacional e inovação digital e humana se entrelaçam tanto quanto as competências exigidas pelos antropólogos aplicados e atuantes nesses campos. Igualmente notável, no entanto, é a ausência de representação do que a antropologia aplicada pode fazer na Europa e em outros países.

Nenhum clube até o momento, por exemplo, se concentra na mobilidade - diferentes formas de migração, turismo, reassentamento e refugiados - apesar de várias iniciativas aplicadas sobre migração que cruzam muitos dos tópicos que são o foco desses clubes (Park 2021). Os/as antropólogos/as na Europa estão trabalhando lado a lado com agências multilaterais como o *Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados* e ONGs globais e locais para criar projetos de inclusão com organizações da sociedade civil de diferentes tipos (por exemplo, *Medecins Sans Frontieres*, *Mediterranee*). Os projetos incluem o direcionamento a comunidades migrantes marginalizadas e o fornecimento de serviços linguísticos, bem como o apoio a elas no acesso a agências de colocação profissional, assistência social pública e inclusão social (Larchanche 2020). Até onde sabemos, os projetos de antropologia aplicada nesse sentido são particularmente fortes nos estados europeus em que a migração está na vanguarda da atenção pública. A Itália, por exemplo, inclui iniciativas nacionais aplicadas, como *Arte Migrante* (Arte na Migração), em que a antropologia e a arte estão na vanguarda para criar espaços de convivência e solidariedade por meio de música, dança e poesia. O *Centro di Salute Internazionale e Interculturale* (Centro de Saúde Internacional e Intercultural), em Bolonha, há muito tempo facilita a promoção da saúde comunitária com diversas colaborações nacionais e internacionais. O *Centro Etno-psiquiátrico Fanon*, em Torino, e a sua abordagem de trauma e saúde mental de migrantes é outro exemplo (Giordano 2014).

Um último domínio importante da antropologia aplicada, que ainda não foi incluído como um *Apply Club da AAN*, é a pedagogia e a educação. Embora exista uma rede da *EASA* para o ensino de antropologia, nenhum grupo aplicado representa profissionais que lecionam fora do meio acadêmico. Os/as antropólogos/as podem, por exemplo, ensinar habilidades de marketing e oratória e ensinar métodos de UX e avaliação rápida de projetos digitais e de saúde em empresas privadas. Eles podem trabalhar como professores de ensino médio ou ajudar a criar cursos eletivos sobre gênero e sexualidade, multiculturalismo e diversidade e resolução de conflitos. Os antropólogos podem ministrar cursos sobre discriminação, deficiência e saúde mental para estudantes e profissionais que trabalham em diversas organizações públicas.

O impacto invisível

Observamos a pouca atenção dada aos/as antropólogos/as aplicados que trabalham fora dos ambientes acadêmicos na Europa. Embora as iniciativas que descrevemos aqui dependam ou envolvam colaboração com universidades, a maioria dos/as antropólogos/as que trabalham fora do meio acadêmico está redefinindo a influência que o campo pode exercer na sociedade. No entanto, suas contribuições muitas vezes passam despercebidas porque são assimiladas em suas organizações em vez de manterem sua identidade como antropólogos. As organizações profissionais têm o papel de promover a identidade antropológica e a imaginação coletiva no esforço de superar a invisibilidade.

Essa tarefa é mais urgente do que nunca, pois a antropologia aplicada nunca foi tão necessária. Em toda a Europa, os Estados neoliberais estão dismantando o bem-estar público, abrindo espaço para o crescimento da intolerância, da exclusão social e da violência em benefício de partidos políticos securitários e de extrema direita. Enfrentando a ideologia neoliberal com uma desconstrução perspicaz e uma ação comunitária direcionada, os/as antropólogos/as podem apoiar a construção de confiança nas comunidades locais que estão dominadas por um sentimento de medo e precariedade à sombra do aquecimento global, bem como das guerras atuais e da ameaça de sua expansão. A antropologia aplicada já provou seu valor na promoção da esperança e da justiça social. Essas contribuições fundamentais em vários campos devem ser tornadas visíveis agora.

Declaração de divulgação

Nenhum conflito de interesse em potencial foi relatado pelo(s) autor(es).Notas sobre os colaboradores

Mirko Pasquini é professor assistente de antropologia médica na Universidade de Gotemburgo, Suécia. Seus interesses de pesquisa combinam etnografia hospitalar, competência estrutural e atendimento de emergência na Itália e na Suécia. Ele é membro organizacional do *Apply Club Health (AAN/EASA)*, do *Health Professions Education Interest Group (SMA/AAA)* e coordena as “*Hospital Ethnography peer meetings*” na rede *Medical Anthropology Europe Young Scholars (MAYS)*.

Margret Jaeger é uma antropóloga médica austríaca que leciona em treinamento de profissionais de saúde e atualmente realiza pesquisas em uma organização sem fins lucrativos em Viena, Áustria. Seus interesses de pesquisa são competência em diversidade, competência estrutural, violência contra profissionais de saúde, promoção da saúde e simulação de emergência pediátrica. É sócia fundadora do *Apply Club Health (AAN/EASA)*, do *Health Professions Education Interest Group (SMA/AAA)* e membro do *Solar Plexus – Gestalter*innen der Gesundheitszukunft*, Áustria.

Referências

ABRAMOVITZ, Alane, McLEAN, Sharon, LINDLY, Kristen E., McKUNE, Sarah, BARDOSH, Kevin Louis, FALLAH, Mosoka, MONGER, Josephine, TEHOUNGUE, Kodjo et al.. Community-Centered Responses to Ebola in Urban Liberia: The View from Below. *PLoS Neglected Tropical Diseases* 9 (4): e0003706, 2015. <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0003767>

BARRIOS, Roberto E. What Does Catastrophe Reveal for Whom? The Anthropology of Crises and Disasters at the Onset of the Anthropocene.” *Annual Review of Anthropology*, 46 (1), p. 151-166, 2017.

BUCHLI, Victor. *An Anthropology of Architecture*. London, Bloomsbury USA Academic, 2013.

CABRERA, Gregory. Building an Applied Anthropology Career in Business and Industry. *Practicing Anthropology* 36 (2), p. 22-26, 2014.

DIMEN-SCHEIN, Muriel. *The Anthropological Imagination*. New York, McGraw-Hill, 1977.

GOODMAN, Elizabeth, KUNIAVSKY, Mike e MOED Andrea. *Observing the User Experience: A Practitioner's Guide to Research*. 2. ed. Amsterdam, Morgan Kaufmann, 2012.

GIORDANO, Cristiana. *Migrants in Translation*. Berkeley, CA, University of California Press, 2014.

GROTANELLI, Vinigi, AUSENDA, Giorgio, BERNARDI, Bernardo, BIANCHI, Ugo, BODEMANN, Y. Michal, GOODY, Jack e JABLONKO, Allison et al.. Ethnology and/or Cultural Anthropology in Italy: Traditions and Developments [and Comments and Reply]. *Current Anthropology* 18 (4), 593-614, 1977.

GUN, Wendy, OTTO, Ton e SMITH, Rachel Charlotte (org.). *Design Anthropology: Theory and Practice*. London, Bloomsbury Academic, 2013.

HART, Keith e OORTIZ, Horacio. The Anthropology of Money and Finance: Between Ethnography and World History. *Annual Review of Anthropology* 43 (1), p. 465-482, 2014.

HENRY, Doug e HENRY, Lisa. Applied Anthropology and Public Health.” In *Oxford Research Encyclopedia of Anthropology*, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190854584.001.0001/acrefore-9780190854584-e-538>
Acesso em: 10 de Abril 2025.

Inculture. <https://inculture.com/> Acesso em: 10 de Abril 2025.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London, Routledge, 2011.

- JAEGER, Margret, WAHL, Julia e WIESINGER, Julia. 2021a. Violence against Health Workers. In: *The Polyphony, Conversations across the Medical Humanities*. Disponível em: <https://thepolyphony.org/2021/08/31/violence-against-health-workers/> Acesso em: 10 de Abril 2025.
- JAEGER, Margret, WAHL Julia e WIESINGER, Julia. 2021b. Der Nutzen von qualitative Rapid Assessment Procedures (RAPs) für die Entwicklung von Verbesserungsmaßnahmen in Bezug auf Gewalt gegen Gesundheitspersonal im Krankenhaus. In: €ONGKG Conference, Novembro 2021. Disponível em: https://www.ongkg.at/fileadmin/user_upload/Konferenz/Konferenzarchiv/25.Konferenz_Konferenzbuch.pdf Acesso em: 10 de Abril 2025.
- JASPER, Adam. 2018. *Architecture and Anthropology*. London: Routledge.
- LARCHANCHE, Stephanie. *Cultural Anxieties: Managing Migrant Suffering in France*. New Brunswick, Rutgers University Press, 2020.
- MANDERSON, Lenore e Wahlberg, Ayo. Chronic Living in a Communicable World. *Medical Anthropology* 39 (5): p. 428-439, 2020.
- MARTINEZ, Iveris and WIEDMANN, Dennis W. (orgs.) *Anthropology in Medical Education: Sustaining Engagement and Impact*. Cham, Springer, 2020.
- METZL, Jonathan M. e HANSEN, Helena. Structural Competency: Theorizing a New Medical Engagement with Stigma and Inequality. *Social Science & Medicine* 103, p. 126-133, 2014.
- MILLER, Daniel. *Stuff*. Cambridge, Polity Press, 2009.
- PARK, Soyoung. Handbook on Critical Geographies of Migration. *Geographical Review* 111 (1), p. 170-172, 2021.
- PASQUINI, Mirko. Like Ticking Time Bombs. Improvising Structural Competency to ‘Defuse’ the Exploding of Violence against Emergency Care Workers in Italy. *Global Public Health* 18 (1): 2141291, 2023a.
- PASQUINI, Mirko. Mistrustful Dependency: Mistrust as Risk Management in an Italian Emergency Department. *Medical Anthropology* 42 (6), p. 579-592, 2023b.
- PODJED, Dan, META GROUP e MLAKAR, Alenka. Applied Anthropology in Europe: Historical Obstacles, Current Situation, Future Challenges. *Anthropology in Action* 23 (2): 53-63, 2016.
- SKINNER, Jonathan. Cross-Border Interventions. *Anthropology in Action* 21 (1), p. 2–3, 2014.
- SQUIRES, Susann. “Anthropology, Technology, and Innovation.” *Oxford Research Encyclopedia of Anthropology, 2021*. Disponível em: <https://doi.org/>

[10.1093/acrefore/9780190854584.001.0001/acrefore-9780190854584-e-17](https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190854584.001.0001/acrefore-9780190854584-e-17) Acesso em: 25 de Janeiro, 2024.

TED: disponível em: <https://www.ted.com/> Acesso em: 10 de Abril 2025.

VINDROLA-PADROS, Cecilia e VINDROLA-PADROS, Bruno. Quick and Dirty? A Systematic Review of the Use of Rapid Ethnographies in Healthcare Organisation and Delivery. *BMJ Quality & Safety* 27 (4), 321–330, 2018.